

QUADRIMESTRE

Roberto Rodrigues*

O primeiro quadrimestre de 2020 mostrou a incrível capacidade que tem o agro brasileiro de se posicionar bem diante de crises.

Num cenário de derretimento da economia em todo o planeta, ficou patente que as pessoas podem ficar sem comprar sapatos, roupas, eletrodomésticos ou carros, mas não sobrevivem sem comprar alimentos. Em outras palavras, o conceito de segurança alimentar, já um pouco anestesiado na maior parte dos países, - em especial os desenvolvidos, uma vez que a disponibilidade de comida estava presente no dia a dia - voltou com força ao cenário internacional, produzindo um possível renascimento de protecionismo agrícola, tendo em vista a necessidade de alimentar as populações urbanas em cada nação. Pelo menos dois movimentos já são previsíveis: por um lado, subsídios à produção agropecuária interna; e por outro lado, mecanismos que interferirão no comércio agrícola, seja com a proibição de exportação de alimentos, seja tarifando as importações de países mais competitivos.

O Brasil precisa se preparar objetivamente para tais cenários, visto que representam oportunidades e desafios para nossa ambição de maior inserção internacional do agro.

E com certeza a performance nacional de janeiro a abril desse ano chamará a atenção de nossos concorrentes.

Em primeiro lugar, porque o Brasil foi o único país agrícola importante que aumentou suas exportações agro no período.

Nos primeiros quatro meses de 2019, o agro brasileiro exportou 29,7 bilhões de dólares, em números redondos; e neste ano, o valor foi para 31,4 bilhões de dólares, um aumento de 5,9%. Parece pouco, mas nesse cenário dramático em que ninguém sabe ao certo o que se deve fazer para combater o vírus, qual o melhor comportamento a ser adotado (confinamento ou liberação), qual o melhor tratamento para os infectados, quanto tempo durará a pandemia, quando será o pico dela, o simples fato de crescer já é notável.

Mas os volumes das principais exportações também aumentaram. Em 2019 exportamos 30,4 milhões de toneladas de soja nesse período, e agora já foram 39 milhões, um salto de 28%. Nas carnes, saímos de 2,06 milhões de toneladas no ano passado para 2,19 neste, 6% a mais. E no açúcar fomos de 4,74 milhões de toneladas para 6,16, mais outros 30%.

De novo a China se colocou como nosso maior mercado, saltando de 31,66% que representou no ano passado para 37,73% neste ano. Claro que o efeito da peste suína africana de 2019 ainda não terminou, e segue fazendo daquele grande país um mercado super importante para o Brasil.

Já para a União Europeia houve diminuição de participação nas exportações brasileiras, de 18,58% par 16,37%. O mesmo aconteceu com os Estados Unidos, cuja queda foi de 7,55% para 6,11%.

Só no mês de abril, o total das exportações brasileiras para o mundo todo foi de 18,3 bilhões de dólares, e desse montante o agro respondeu por 10,2 bilhões, mais da metade, segundo a Secex.

Não por outra razão, a expectativa é de que o VBP da agropecuária em 2020 seja de 697 bilhões de reais, 8,6% maior que no ano anterior.

E também se espera que o PIB da agropecuária, mesmo com a brutal crise, cresça 2,4% no ano, enquanto PIB brasileiro sofrerá queda ainda não claramente definida, mas significativa.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Titular da Cátedra de Agronegócios da USP.**